



Plurais Virtual

Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

A PROVÍNCIA DE GOIÁS VISTA POR DENTRO: A IMPRENSA CHEGA AO SERTÃO

Maria de Fátima Oliveira*
Talita Michelle de Souza**
Thalles Murilo Vaz Costa***

Introdução

Aos 5 de março de 1830 foi fundado no Brasil central, na Província de Goiás, mais precisamente no Arraial de Meia Ponte (atual Pirenópolis), o primeiro periódico da região, *A Matutina Meiapontense*. Esse texto é resultado de um projeto de pesquisa que teve como objeto de estudo o referido periódico que circulou de 1830 a 1834. É, portanto, uma reflexão sobre aspectos socioculturais, econômicos e políticos da Província de Goiás abordados nesse documento, marco do surgimento da imprensa goiana no século XIX. A leitura e mapeamento dos assuntos abordados n' *A Matutina Meiapontense* possibilitaram uma visão geral da composição do documento, dos principais problemas enfrentados pela Província de Goiás e como esses problemas eram apresentados, representados e discutidos no periódico.

O número de pesquisas sobre a História de Goiás cresceu muito desde as últimas décadas do século XX. O momento marcante desse desenvolvimento no campo da

* Professora do curso de História da Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas (UnUCSEH) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e do Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais do Cerrado. Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenadora do Projeto de Pesquisa: "Matutina Meiapontense, 1830/1834: aspectos da Província de Goiás através da imprensa", o qual deu origem a este texto.

** Graduada em História pela UEG. Ex-bolsista de Iniciação Científica CNPq, do Projeto de Pesquisa acima citado.

*** Graduado em História pela UEG; ex-bolsista de Iniciação Científica CNPq, do Projeto de Pesquisa acima citado. Mestrando em História pela UFG.



História regional goiana foi, entretanto, estimulado, inicialmente, com a criação do mestrado em História na Universidade Federal de Goiás na década de 1970. Nos anos seguintes, o avanço desse tipo de trabalho continuou, devido à criação de novos cursos, tanto de graduação quanto de pós-graduação em História, também em instituições estaduais e particulares, o que incentivou seus discentes e docentes a desenvolverem pesquisas sobre a região com a produção de monografias, dissertações e teses nos diversos níveis de estudo. A partir desse marco, a produção histórica tem se tornado mais significativa, tanto qualitativa quanto quantitativamente.

Outros profissionais da História e de áreas afins já utilizaram *A Matutina Meiapontense* em suas pesquisas, mas o trabalho que nos propusemos a fazer foi uma “garimpagem” de notícias que mostrassem diversos aspectos da Província de Goiás, a fim de se ter uma visão, ainda que geral, dos principais problemas enfrentados na região e o pensamento, prioritariamente da elite de então, refletidos no periódico. O ineditismo dessa pesquisa está no processo minucioso como foi feita sua leitura e catalogação⁹⁸, cujos objetivos foram revisitar aspectos importantes da História de Goiás, no período, por meio da catalogação, o que possibilitou detectar a incidência das categorias dos diversos assuntos tratados no mesmo e a visão de mundo nele veiculada.

Dentre as referências teóricas que mais se adequaram à pesquisa com esse tipo de fonte, estão as formulações dos historiadores Astor Antônio Diehl e Tania Regina de Luca. Segundo Diehl, os componentes teórico-cognitivos do método histórico, regulativos da pesquisa, são três: a heurística, a crítica e a interpretação. “Esses três componentes”, afirma ele, “têm sua origem ainda na segunda metade do século XIX, quando ocorre o processo de disciplinação da História como ciência, separando-se da Sociologia comteana e das ciências naturais, como muito bem nos mostra Dilthey” (Diehl, 1997, p. 31). Dependendo da tendência teórica predominante, teremos maior ou menor ênfase em um ou outro dos componentes acima citados. Em nossa pesquisa, a

⁹⁸ O resultado da catalogação final do periódico por categorias encontra-se disponível para consultas no Centro de Documentação (CEDOC) e no Laboratório de História (LABORHIS) da Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas (UnUCSEH) da UEG em Anápolis (GO).



heurística é imprescindível, é o componente fundamental, pois buscamos uma relação de tensão entre o caráter de sentido e o caráter factual da fonte. Também o segundo componente, a crítica da fonte (tão cara à “escola metódica”), que examina o valor, a qualidade, a autenticidade, a veracidade etc. E, por último, a interpretação, que nos forneceu uma visão (dentre outras) da Província de Goiás no século XIX.

A historiadora Tania Regina de Luca, especialista em pesquisas com (e sobre) os periódicos, afirma que até a década de 1970 o número de trabalhos que utilizavam jornais e revistas como fontes para a escrita da História do Brasil foi relativamente pequeno. A autora nos lembra que somente após a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil (1808) a imprensa foi liberada, pois, antes disso, as tipografias eram proibidas e quem se atrevia a violar tal regra era duramente perseguido. Segundo Luca,

O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX, que, é bom lembrar, contava com contingente diminuto de leitores, tendo em vista as altíssimas taxas de analfabetismo. Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas (Luca, 2005, p. 133-4).

A autora⁹⁹ conclui que a imprensa desempenhou importante papel em momentos políticos cruciais da História do Brasil, como, por exemplo, na Independência, na Abdicação de D. Pedro I, na Abolição e na República. É, portanto, no contexto da Abdicação e, logo em seguida, do período Regencial que se funda em Meia Ponte o periódico, *A Matutina Meiapontense*.

⁹⁹ O texto da professora Tania Regina de Luca, além de oferecer embasamento teórico para a pesquisa com a imprensa, apresenta sugestões práticas, orientando como o pesquisador pode proceder no trato com esse tipo de fonte histórica. Dentre as dicas, a autora aconselha atentar para as características de ordem material como a periodicidade, organização interna do conteúdo, identificar os responsáveis pela publicação, colaboradores, o público a que se destina, fontes de receita e análise do material de acordo com a temática escolhida.



A Província de Goiás no Século XIX

A máxima de que em Goiás o século XIX inicia-se sob o signo da “decadência” tem sido largamente discutida por diversos historiadores goianos. Já é significativa a historiografia produzida sobre a temática, podendo-se destacar historiadores como Luís Palacín, Paulo Bertran e Nasr Chaul. Para uma melhor compreensão da Província de Goiás no período dos oitocentos e para compreender a problemática da questão da “decadência” de Goiás, é de grande valor o trabalho de revisitar as fontes produzidas na época. O periódico *A Matatuina Meiapontense*, os relatórios dos Presidentes da Província e os relatos de viajantes estrangeiros que passaram por Goiás são exemplos disso. Dentre os viajantes, estão os franceses Auguste de Saint-Hilaire e Castelnau, o austríaco Emanuel Pohl, o inglês Willian Burchell, o escocês George Gardner e o português Luiz D’Alincourt. Confrontar as notícias do periódico com estes relatos – que, embora criticados por estarem imbuídos de uma ideologia europeizada e etnocêntrica da realidade que estão descrevendo – é importante para o estudo do período.

A diferença fundamental entre a visão dos viajantes estrangeiros sobre Goiás neste período e a visão expressa em *A Matutina Meiapontense* pode ser resumida no seguinte comentário: para os viajantes, a “culpa” pela situação de decadência da Província estaria na indolência dos moradores. Entretanto, o que se depreende da leitura do periódico é que tal situação se devia, principalmente, à falta de assistência por parte do governo central, no sentido de solucionar os inúmeros problemas da região, com destaque prioritário para a dificuldade de comunicação. A leitura do conteúdo desse periódico contribui para uma melhor percepção de como se encontrava a Província de Goiás nesse período e, conseqüentemente, das dificuldades que a mesma enfrentava. Segundo Palacín, a descoberta do ouro nas cabeceiras do Rio Vermelho e proximidades,



teria antecipado a ocupação¹⁰⁰ da região de Goiás em um século e meio em relação à penetração normal. Até o século XVIII, Goiás não havia despertado o interesse da Coroa Portuguesa, pois, além de estar distante do litoral, com difícil acesso, não oferecia nenhum produto atrativo para o comércio. Foi então, como afirma Palacín, que a descoberta do ouro (1722/25) na região pertencente à Capitania de São Paulo, fez com que a atenção da Coroa se voltasse para as minas dos Goyazes. Mas a riqueza do ouro na região não durou muito, sendo que na década de 1770 já era visível a diminuição da extração do metal.¹⁰¹

Para o momento, é importante ressaltar que na historiografia goiana a visão que ficou mais marcada para o século XIX em Goiás foi a de isolamento e penúria da população, embora estudos mais recentes já contestem tal versão. Daí, o intuito de trabalhar com esse documento que fez circular informações e ideias sobre Goiás, justamente nesse momento em que costumou-se descrever como pobre e atrasado, estigmatizado como o período da decadência. Apesar de já ser significativa a pesquisa sobre Goiás, o período imperial é o que menos ênfase tem recebido. Segundo Luís Palacín (1994), “O século XIX representa um verdadeiro buraco negro na historiografia goiana”. Período da decadência da produção mineratória, registrado principalmente por viajantes estrangeiros que passaram pela região, o século XIX merece ser mais bem analisado, pois apresenta certas especificidades regionais que precisam ser discutidas para esclarecer equívocos e avançar no debate teórico.

Ledonias F. Garcia (1999) em sua tese de doutorado discute com clareza esse momento da História de Goiás. Segundo ela, “...a província mais central do território nacional viveu, durante o Império, essa situação ambígua. De um lado, pertencia ao Império, atendia ao governo do Imperador, estava sujeita às leis e ordens emanadas da Corte; do outro, estava à margem da vida que a nação poderia oferecer”. É neste

¹⁰⁰ O autor se refere aqui à ocupação pelo elemento externo, utilizando-se de um termo muito explicativo, o da *corrida do ouro*, pois a referida região já era habitada pelos autóctones desde longa data.

¹⁰¹ Mais informações sobre os dados da produção aurífera em Goiás podem ser encontradas em Palacín, Luís. *O Século do ouro em Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 1994.



período, de construção da nação, que surge em Goiás este meio de comunicação que poderá ajudar a elucidar aspectos de Goiás nesse contexto histórico.

Percebe-se em diversos artigos e correspondências d'A *Matutina*, por um lado, evidenciando as belezas e potencialidades inexploradas da Província e, por outro, mostrando o descaso das autoridades para solucionar problemas. Nesse contexto, a fundação do periódico aparece como uma ação capaz de concorrer para se divulgar tais potencialidades e reclamar por medidas concretas para a região. Pôde-se constatar também, a predominância de notícias sobre a política e administração, fato comum e compreensível, inclusive em periódicos de outras regiões no século XIX, século da história metódica ou “positivista”. É grande também o número de notícias da Província do Mato Grosso, principalmente os atos da Assembléia Legislativa. Mas, como veremos nos tópicos seguintes, embora com menor incidência, foi possível encontrar notícias que versavam também sobre educação, vida social, religiosa, e do cotidiano local, dentre outras.

O nascimento da imprensa em Goiás: A *Matutina Meiapontense*

A frase em latim, *Omnia rerum principia parva sunt Sed suis progressionibus usa augmentur*¹⁰², que acompanha a maioria dos exemplares do periódico, expressa bem a idéia cultivada nesse primeiro periódico do Brasil central. Com toda a certeza, qualquer pesquisador que pretenda elaborar um estudo criterioso sobre a primeira metade do século XIX goiano – e por que não uma pesquisa geral de todo este século – tem n'A *Matutina Meiapontense* um lócus privilegiado de informações. A própria disposição do conteúdo do periódico confirma essa assertiva. Entre os anos de 1830 e 1834, suas páginas publicaram atas das reuniões de diversas câmaras municipais, ofícios trocados pelas autoridades, cartas de cunho político dirigidas ao redator, informes sobre os

¹⁰² “Todos os princípios das coisas são pequenos, mas as suas utilizações aumentam com o seu progredir”.



acontecimentos políticos, relatórios de governo, enfim, são várias as suas possibilidades de análise histórica.

Esse primeiro periódico do Brasil central, cuja tipografia foi adquirida por seu editor-diretor na cidade do Rio de Janeiro, iniciou sua publicação em 5 de março de 1830, atingindo mais de 500 edições, com circulação até o ano de 1834. Suas primeiras publicações circulavam apenas duas vezes por semana, passando posteriormente a ser editado três vezes por semana. Além do interesse em difundir a cultura, constava de seu programa registrar os acontecimentos nacionais e estrangeiros e divulgar os atos do governo. A assinatura do periódico podia ser feita também em Vila Boa e Traíras (Goiás), em Cuiabá (MT) e em São João Del Rei (MG).

O proprietário da tipografia contou com a importante colaboração do padre Luiz Gonzaga de Fleury (1793-1846), como redator chefe do periódico. Natural de Meia Ponte, ele assume importantes cargos tanto na administração do arraial como da Província, sendo elogiado por Saint-Hilaire por ocasião de sua passagem pela região.

A partir da leitura e catalogação do periódico, foi possível perceber a forma de apresentação dos assuntos, composição e preferências pelos temas tratados. A ocorrência de várias notícias sobre a Província de Mato Grosso se justifica pela proximidade e interesses em comum entre as duas Províncias. Tanto Goiás como Mato Grosso estavam enfrentando nessa época, sérios problemas econômicos após a queda da mineração.

O trabalho com esse tipo de fonte, apesar de difícil, é muito gratificante para o historiador. Embora outros pesquisadores já tenham trabalhado com o referido periódico, nenhum detalhou de forma minuciosa seu conteúdo e composição dos diversos assuntos tratados no mesmo. O tratamento dado a essa fonte foi, em primeiro lugar, proceder a sua leitura, mapeando os diversos assuntos tratados, tendo sempre em mente os cuidados teórico-metodológicos ao se trabalhar com uma fonte jornalística. Em seguida, foram elaborados quadros onde os assuntos estão dispostos por categorias,



contendo a data, o número da edição, a página, um pequeno resumo do assunto, o local da notícia e observações, quando necessário.

Desse modo, foi possível analisar as preferências de informações, bem como seu conteúdo e o enfoque do discurso predominante no periódico. Esse conjunto de informações permite, portanto, compreender alguns aspectos sobre a Província de Goiás e o Brasil central no período abordado.

O fundador do periódico: Joaquim Alves de Oliveira

Joaquim Alves de Oliveira (1770-1851) era natural do Arraial de Pilar de Goiás. Em 1792 foi para o Rio de Janeiro com intuito de entrar para a carreira eclesiástica, na qual não obteve êxito. Passou então a trabalhar como caixeiro e, em seguida, como negociante autônomo, dedicando-se ao comércio e obtendo certo sucesso. Retornou para Goiás e adquiriu terras e boa tropa para transporte e escravos. A fortuna conseguida por ele em Goiás chama a atenção, principalmente, pelo fato de o comércio na Província ter entrado em colapso nesse período, devido à drástica diminuição da mineração (Costa, 1978, p. 43). Essas são questões que merecem ser analisadas para melhor compreensão da história da Província de Goiás e região no século XIX.

A atuação do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, que, além de exímio comerciante, fundou o referido periódico e se dedicou a outras iniciativas como a instalação de uma biblioteca e organização de uma banda de música em Meia Ponte, não pode ser menosprezada. Não se pode olvidar que, por meio de seus negócios, ele tenha contribuído para o desenvolvimento da região, pois, segundo Costa (*op. cit.*), sua fortuna era muito superior ao valor da receita da Província. Fica evidente que, embora comerciante nato, Joaquim Alves de Oliveira se dedicou também às atividades da agropecuária com grande número de escravos, após ter adquirido (em 1800) o núcleo



inicial da propriedade denominada Engenho de São Joaquim¹⁰³, parte do que é hoje a Fazenda Babilônia, no município de Pirenópolis.

O Engenho de São Joaquim é citado pelos diversos viajantes estrangeiros que passaram por Goiás no século XIX, como um estabelecimento agrícola modelo da região. Saint-Hilaire, por exemplo, afirma que

Tratava-se, inegavelmente, da mais bela propriedade que havia em toda a região de Goiás que eu tinha percorrido. Reinavam ali uma limpeza e uma ordem que eu ainda não vira em nenhuma outra parte [...] Depois de tantas jornadas tediosas e cansativas através dos sertões, senti-me feliz por me achar numa casa que reunia todo o conforto que a região podia oferecer... (Saint-Hilaire, 1975, p. 98).

Como homem dotado de uma fortuna sem igual na Província, não poderia deixar de exercer oficialmente inúmeros cargos públicos.

...foi, sucessivamente, tesoureiro do arraial, juiz ordinário, juiz de órfãos, juiz de paz e juiz municipal, inspetor da instrução pública, delegado do governo provincial em Meia Ponte, e membro do governo provisório constituído quando da renúncia do Presidente da Província, em 1822. Eleito e convocado, em diferentes ocasiões, não aceitou os cargos nem exerceu as funções de Vice-presidente da Província e de deputado constituinte, em 1824, alegando faltar-lhe a necessária habilitação (Costa, *op. cit.*, p. 58).

Além dos muitos cargos acima listados, Joaquim Alves de Oliveira recebeu diversas patentes e agraciamentos, devido a sua constante colaboração em iniciativas culturais em prol da comunidade meiapontense.

¹⁰³ O engenho de cana era composto por enormes moendas de madeira, movidas por bois. Havia também um engenho de farinha e descarçadores de algodão. O algodão lhe proporcionava grandes lucros, pois, além de exportar sua produção, comprava a de outros produtores da região e o transportava, contando para isso com excelente tropa. Como inovação na agricultura, utilizava o arado (ferramenta rara na região) e adubava a terra com o bagaço de cana (Costa, 1978, p. 53).



A Província de Goiás na visão d'A *Matutina Meiapontense*

Na catalogação geral do periódico, destacamos quinze assuntos¹⁰⁴ principais, agrupados do seguinte modo: Política/Administração; Educação; Questões Indígenas; Escravidão Negra; Festas; Cadeias/Violência; Religião/Igreja; Comércio/Valores; Saúde Pública; Imprensa; Comunicação; Meio ambiente; Gênero; Norte/sul; Rios/Navegação. A predominância geral fica por conta de transcrição de atas, decretos e ofícios do governo provincial e nacional, de discursos de senadores e deputados, bem como notícias retiradas de outros jornais. Pode-se dizer que o periódico se prestava, de certo modo, ao papel de imprensa oficial, pois esta não existia na província.

A fundação do periódico aparece como assunto de destaque em diversas edições, com inúmeras cartas de congratulações a Joaquim de Oliveira pelo empreendimento. No primeiro número do periódico fica evidente a intenção do jornal, e os problemas enfrentados na tipografia. O trecho a seguir justifica o empreendimento, afirmando que a região era distante das demais, e havia muita dificuldade de comunicação:

Talvez pareça mais que audácia, o pretender eu oferecer aos meus Patrícios Goyanos, hum periódico em hum Arraial, se bem que o mais populoso da Província falto, todavia de comunicações, por estar situado fora da Estrada geral, longe de Goyas 26 léguas, para onde unicamente tem um Correio mensal [...]. (*A Matutina Meiapontense*, nº 01, 1830).

Como já observado acima, pôde-se constatar que o conteúdo predominante das publicações em todas as edições do periódico era, prioritariamente, de cunho político-administrativo, ocupando a maior parte de suas páginas os atos oficiais dos governos imperial, provincial e municipal. É significativo também o número de notícias da Província do Mato Grosso, principalmente os atos da Assembléia Legislativa daquela unidade. Muitos acontecimentos políticos marcaram o Brasil nesse período, e todos eles

¹⁰⁴ Não é possível em uma pesquisa dessa natureza, abranger a totalidade dos assuntos que aparecem no periódico. A seleção pautou-se pela escolha de assuntos que julgamos de maior importância para a compreensão de aspectos da Província de Goiás no período, e também pela forte incidência dos mesmos.



tiveram ressonância em Goiás. Nesta catalogação encontramos relatórios de Governo, atas das reuniões das Câmaras municipais e do Conselho da Província, além de cartas de assinantes do periódico versando sobre a questão. São destaques nestes documentos, o apelo à constitucionalidade dos governos, a reivindicação de melhorias na Província e a defesa incontestada da nação que estava nascendo. Esses temas, somados aos relatórios administrativos municipais e provinciais, compõem, fundamentalmente, a catalogação sob o título Política-Administração.

Como se pode depreender dessa pequena exposição dos conteúdos, as informações sobre os temas político-administrativos reinam soberanamente em praticamente todo o periódico. Talvez por isso os dois principais estudos que se utilizaram fartamente d'A *Matutina Meiapontense* tenham como foco a política e administração em Goiás. Seguindo a linha temporal, o primeiro estudo sistemático d'A *Matutina* foi o de Luís Palacín. No livro *Quatro tempos de ideologia em Goiás* (1986) o referido autor defende a tese de que existiam quatro formas distintas de ideologias na história de Goiás: a ideologia épica (1722-1749), a ideologia da administração colonial (1749-1822), a ideologia liberal (1822-1840) e, por fim, a ideologia da Revolução de 1930.

Entretanto, nos interessa aqui comentar especificamente acerca das fontes empíricas que Palacín (1986) usou para caracterizar a ideologia liberal dos anos de 1822 a 1840. Para o autor, a expressão máxima do liberalismo goiano oitocentista encontrava-se em

O *Matutina*, que começou a ser publicado em 1730 (sic) [leia 1830], pertence a essa família de jornais liberais [...] Seu objetivo fundamental era a defesa da Constituição. Ideologicamente se filiavam ao liberalismo moderado, propugnador da monarquia constitucional, defensor dos direitos do homem e das garantias do cidadão (Palacín, 1986, p. 52).

Este historiador percebeu que o empreendimento do Comendador Joaquim Alves de Oliveira – homem muito elogiado por Palacín – indicava uma mudança qualitativa na visão de mundo da elite político-administrativa de Goiás. Tal concepção, segundo o



autor, baseava-se no alinhamento das camadas mais altas da sociedade goiana aos ideais de nação e progresso disseminados pela Monarquia Constitucional instaurada no pós-1822.

Em *Os moderados e as representações de Goiás n'A Matutina Meiapontense* (2007) Wilson Rocha de Assis realiza um instigante estudo sobre as representações de Goiás formuladas no século XIX. Para ele, o discurso veiculado pela *Matutina* constituiu uma revolução simbólica em Goiás. Segundo sua interpretação, o estigma da decadência propalado pelos viajantes e as elites coloniais criou uma identidade goiana baseada na ideia de “ausência”. No entanto, o discurso da decadência e a identidade da “ausência” foram reapropriados pelas elites goianas que empunhavam a bandeira do liberalismo moderado – encabeçadas por José Rodrigues Jardim – e transformadas numa nova representação e projeção identitária para Goiás. Evidentemente, *A Matutina* foi um instrumento de extrema importância para disseminar tais representações sobre Goiás. Refletindo acerca de sua obra, Assis afirma que

A conclusão mais relevante desse trabalho é considerar que *A Matutina Meiapontense* operou na região uma *revolução simbólica*. Não porque *A Matutina* tenha sido a negação da decadência, ou o atestado inequívoco da modernidade em Goiás. O jornal representava a posse do capital material e simbólico necessário para enunciar a identidade goiana. *A Matutina* representou a reapropriação, pelos goianos, dos instrumentos de definição de sua própria identidade (Assis, *op. cit.*, p. 95).

Todavia, é imperioso ratificar que os trabalhos de Palacín (1986) e Assis (2007) privilegiaram objetos políticos sobre a história de Goiás que perpassam as folhas d'*A Matutina Meiapontense*, sendo que existem outras possibilidades analíticas neste riquíssimo material. A publicação de correspondências era uma constante no periódico. Em seu primeiro número já incentivava a participação dos leitores:

Recebem-se correspondências vindas com as formalidades legais, e se guardará inviolável segredo, quando assim o exija. Protestam-se não aceitar as correspondências que discordarem da decência que deve aparecer nos



escritos de nossa folha, que só tem por fim a felicidade da Pátria, na identificação de todos os brasileiros com a Constituição e o Imperador (A *Matutina Meiapontense*, nº 1, 1830).

Os autores sempre se utilizavam de pseudônimos, e em muitos casos percebe-se que o autor se faz passar por pessoa ignorante, fato pouco provável, pois escrevia corretamente. Recorriam sempre a apelidos, como, por exemplo: “O Zeloso da verdade”, “O perguntador”, “Hum Natural de Serro Frio”, “A apaixonada”, “O Amigo das cousas boas”, “Cansado de Esperar”, “O assustado”, etc. É praticamente impossível identificar a autoria das cartas, exceto na correspondência assinada por *Hum Natural de Serro Frio*, que contém um poema enaltecendo a figura do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, cuja autoria José Mendonça Teles atribuiu ao padre Luiz Antônio da Silva e Souza (Teles, 1998, p. 41-45).¹⁰⁵

Essas correspondências publicadas no periódico possibilitam uma visão, embora parcial, sobre diversos temas. A seguir, destacamos dois exemplos: a primeira, parte do tema Religião/Igreja é uma carta, na qual o “*Rosseiro das Furnas*” mostra-se indignado com um sermão ministrado pelo padre a respeito da necessidade da prática do jejum:

“Quero contar-lhe o que ouvi no Sermão de um Padre lá da Cidade. Deitou os bofes pela boca persuadindo o Jejum [...] quis persuadir que a sua observância era uma condição sem a qual ninguém se pode salvar [...]. Estranhei esta doutrina, e nada me pareceu tão impróprio para persuadir o jejum, como o tal Padre gordo, corado, bonito que inculcava passar com boa mesa...” (A *Matutina Meiapontense*, nº 8, 1830).

A outra correspondência, que se insere na temática Gênero, descreve o pensamento de uma mulher sobre sua condição (feminina) na Província, no século XIX. Sob o apelido de “A Apaixonada” a correspondente alega nunca ter se casado por não se sujeitar à condição de subalternização da mulher. Portanto, por meio das correspondências, é possível perceber a mentalidade e o dia-a-dia das pessoas, os

¹⁰⁵ Para mais informações sobre o assunto, ver: TELES, José Mendonça. *Vida e Obra de Silva e Souza*. Goiânia: Editora da UFG, 1998.



problemas enfrentados pela população como, por exemplo, o estado de descaso em que se encontravam estradas, pontes, cadeias e outros bens públicos. O espaço dedicado às cartas, muitas vezes oferecia direito a réplicas e trélicas. É significativo também o número de diferentes categorias de notícias, tanto nacionais como estrangeiras.

Uma constante também no periódico era a transcrição de notícias veiculadas pelos jornais que vinham de outras localidades, o que era uma estratégia muito utilizada e se justificava pelo objetivo de inteirar os moradores a respeito do que se passava em outras províncias, na capital do Império e no mundo.

A temática educação¹⁰⁶ mereceu espaço significativo nas publicações d'A *Matutina*, oferecendo interessantes subsídios para se entender a dimensão em que se encontrava a instrução pública na Província de Goiás. Interessante observar que o periódico, além de funcionar como um órgão de informação, chamava a si a função de instruir e educar. Em seu primeiro editorial fica evidente a defesa da instrução como a melhor e maior garantia dos governos constitucionais, "... persuadido de que os periódicos têm concorrido, em grande parte, para espalhar a luz entre os povos, empreendi a árdua empresa de redigir o periódico..." (A *Matutina Meiapontense*, nº 1, 1830).

Sobre essa temática, constatou-se que, como na maioria das províncias do Império, a carência era enorme. Desde falta de professores habilitados para exercerem a função, inexistência de livros, papel, penas, e poucos alunos freqüentando as aulas. Várias irregularidades foram encontradas no regimento interno das escolas, bem como as queixas contra a indisciplina dos alunos.

Inspeionei as Escolas de 1ª Letras desta Cidade, e achei mui regulares e aplicadas a do professor Braz Pereira Mendes, e de José Leite Pereira, e em total desleixo, e abandono a Escola Publica administrada pelo professor José

¹⁰⁶ Mais detalhes sobre a visão de como o tema da educação foi abordado n'A *Matutina Meiapontense*, podem ser encontrados em: OLIVEIRA, Maria de Fátima. "Desafios da educação em A *Matutina Meiapontense* (1832) e atualmente: novos temas, velhos problemas?" In: Anais do II Simpósio Nacional do Centro Interdisciplinar de Estudos África-América: territórios - religião, raça, educação. UEG, 2009.



Alves Pereira, a qual requer muito prontas providências a fim de que não esteja a Nação pagando a um professor sem o mais pequeno aproveitamento (*A Matutina Meiapontense*, nº 253, 1831).

Segundo a visão transparente no periódico, à escola cabia, além da educação formal, a função da educação política e religiosa, como mostra também o seguinte trecho:

Os colégios são sem dúvida nesta Província os Estabelecimentos mais proveitosos para o renovo de sua população; ele adquirirá por uma educação metódica o sisudo cuidado de se aplicar as suas obrigações por vontade, temor ou capricho; sua índole será vigiada e encaminhada aos verdadeiros princípios da moral cristã e política (*A Matutina Meiapontense*, nº 122, 1831).

Se no Brasil como um todo, a situação do ensino no XIX era marcada pelo imprevisto, pôde-se constatar que na Província de Goiás se encontrava em igual estado ou até pior, devido a aspectos históricos conjunturais: posição geográfica interiorana, ausência de infra-estrutura, escassez de meios de comunicação, economia de subsistência, esgotamento das minas auríferas, constantes confrontos com os povos indígenas etc. Entretanto, se pela leitura dos documentos do século XIX sobre a educação, pode-se constatar que a mesma era desorganizada e ineficiente, a visão que a *Matutina* nos passa é que em Meia Ponte as condições de aprendizagem eram menos deficitárias que no restante da Província.

Tudo se facilita em Meyaponte para se estudar: temos livros, professores, que apesar de não receberem o menor estipêndio, se acham sempre prontos, e jamais deixarão de comparecer na aula, como é geralmente sabido, por que razão não há mais que 14 alunos, no Arrayal o mais populoso da Província? He porque a ignorância em que vivem os pais, e a má educação que geralmente dão aos filhos, faz que os primeiros entendam que se pode ser muito feliz (na riqueza dizem estes miseráveis consiste a felicidade) sem nada saber e os segundos não querendo sujeitar-se a uma conduta mais séria



e regular, preferem a ignorância em que são nutridos (*A Matutina Meiapontense*, nº 333, 1832).

De acordo com esta mesma fonte, além de professores dispostos a ensinar, mesmo sem receberem por seu trabalho, havia também uma biblioteca com os livros necessários para o aprendizado e, ainda, o periódico que também visava contribuir como um veículo propício à instrução: “Teremos em breve a ufania de que os Meiapontenses serão conhecidos em todo o Brasil pela civilidade, polidez, literatura e bons costumes; seja a divisa de Meia Ponte a franqueza, a boa fé e a liberdade” (*A Matutina Meiapontense*, nº 19, 1830).

A saúde pública também mereceu destaque em muitas edições. Em 1826, foi fundado na Cidade de Goiás o Hospital São Pedro de Alcântara – único hospital de toda a Província de Goiás. Instituição que, inicialmente, tinha caráter filantrópico, acolhia doentes, presos e até mesmo escravos. É pertinente esclarecer que o tratamento dado ao escravo só era realizado mediante a autorização do proprietário.

Foi possível perceber que a situação do Hospital era de grande escassez, pois em diversas edições d’*A Matutina* havia anúncios de uma espécie de loteria com a realização da venda de bilhetes para arrecadar dinheiro destinado à manutenção da instituição. As queixas mais constantes verificadas foram: a falta de cômodos, de leito para o abrigo dos doentes e a escassez de médicos e remédios para o tratamento adequado aos enfermos. A enfermaria também passava por problemas que consistiam na falta de asseio e utensílios. Notou-se ainda que a localização do Hospital fosse vista como imprópria, tendo de um lado o Rio Vermelho, e do outro lado, a capela de Nossa Senhora do Carmo, na qual eram sepultados muitos cadáveres. “[...] As enfermarias dos doentes são mal asseadas, falta de utensílios e assoalho: e é de absoluta necessidade construir uma latrina para despejo das fezes humanas, que se vêm espalhadas pelo pátio vizinho” (*A Matutina Meiapontense*, nº 494, 1833).



Essa situação de carência na área da saúde em Goiás já havia sido observada pelos viajantes europeus quando de sua passagem pela região no início do século XIX. Afirmavam haver carência de médicos em Goiás, sendo as doenças, por várias vezes, tratadas a partir da crença em superstições, amuletos e ervas medicinais. Quando Emmanuel Pohl passou pela Cidade de Goiás, detectou inúmeras doenças entre os habitantes, dentre elas as apoplexias nervosas, para a qual atribuía “a violenta evaporação do solo durante a estação chuvosa” como sua causa. Também Saint-Hilaire faz referências à precariedade dos serviços médicos em Goiás no mesmo período.

À época de minha viagem não havia em Vila Boa nenhum médico. O único cirurgião disponível [...] era, segundo diziam, de uma displicência total, aliada a uma absoluta ignorância. Os comerciantes de tecidos e de miudezas costumavam vender alguns remédios que recebiam do Rio de Janeiro, mas ninguém tinha a menor noção do que fosse uma farmácia. O capitão-geral reclamara várias vezes ao governo central sobre a absoluta falta de recursos médicos na região, mas suas palavras não foram ouvidas. (Saint-Hilaire, 1975, p. 52).

Por meio das descrições apresentadas, tanto pelos artigos constantes do periódico quanto pelos relatos dos viajantes que passaram pela região no período, é possível constatar, por meio de diversos exemplos, a precariedade em que se encontravam as condições da população, no que se refere à saúde em Goiás no século XIX.

Sobre a temática cadeias/violência, pôde-se observar um fato sempre recorrente no conteúdo do periódico: a queixa dos presos sobre o estado deplorável da cadeia. Segundo eles, faltava higiene, limpeza, latrina e, às vezes, até água. A reclamação contra o mau cheiro era também constante, pois os presos se viam obrigados a ficar agarrados nas grades para respirar um ar puro. Quanto à falta de segurança das cadeias, são muitas as notícias que descrevem a situação miserável em que se encontravam: necessidade de reparos; não apresentando nenhuma segurança, podendo ser arrombada facilmente; havia um buraco por onde fugiam vários presos e uma escada danificada; era muito imunda, exalando mau cheiro provocado pelos excrementos lançados pela



latrina. A situação era, portanto, alarmante, chegando-se ao ponto de haver um comunicado à Câmara, informando que o carcereiro encontrava-se enfermo “e que as chaves das Cadeias andavam em mãos dos presos...” (*A Matutina Meiapontense*, nº 503, 1834). Portanto, fica evidente que a maioria das cadeias da Província não oferecia segurança, contando com vários buracos por onde os detentos podiam sair tranquilamente.

Segundo relatos de vários Presidentes de Província, aplicar a justiça em Goiás era tarefa complexa. Para os Presidentes da Província, a impunidade era justamente o grande fator que colaborava para que em Goiás fosse somado cada vez mais o número de criminosos, vadios e vagabundos, provenientes das províncias circunvizinhas. São constantes as recomendações aos Juízes de Paz para que tenham mais vigilância e cuidado sobre as pessoas provenientes de outras regiões para a Província e que para que evitem a entrada de facínoras e malfeitores, seriam examinados o passaporte e os demais papéis (*A Matutina Meiapontense*, nº 439, 1833).

Outra fonte que vem confirmar tal situação é a escrita de Cunha Matos, quando afirma que os vadios em Goiás eram aqueles que: “não querem trabalhar, contentam-se com a mendicância, com o roubo, com caça dos bosques, frutos das árvores e raízes da terra; e isto mesmo quando se acham com facilidade, pois que a dificultar-lhes, tomam como alimento o mel da abelha que encontram em algumas rochas e árvores” (Matos, 1979, p. 75).

Sobre a temática escravidão negra, o olhar d’*A Matutina* é prioritariamente voltado para anúncios de fugas e as respectivas recompensas para quem encontrar o escravo, como mostra o seguinte exemplo:

...fugiu um escravo de nome José, crioulo estatura ordinária, cheio de corpo, cara redonda, pinta de branco na barba, como na cabeça, com o nariz e beiços feridos de bobas; orelhas grossas da mesma moléstia, com um grande calo de ferida na perna direita, de idade de 40 para 50 anos mais ou menos.



O Anunciante promete dar 12\$000 rs a quem o pegar, e trazer, e se for fora da Província dará 30\$000 (*A Matutina Meiapontense*, nº 326, 1832).

Dois aspectos chamaram a atenção nas notícias sobre esse tema: significativo número de anúncios sobre as fugas, com grande variação no valor das recompensas e a omissão sobre a vida, cotidiano, alimentação e tratamento geral dados aos cativos.

Sobre as questões indígenas, constatamos a preocupação do governo com a catequese e “civilização” para amenizar os constantes conflitos entre índios e brancos e possibilitar o povoamento da Província. As notícias sobre a temática das questões indígenas são geralmente preconceituosas e de certo modo também lhes atribuíam parte da responsabilidade pelo estado da “decadência” em que se encontrava a Província. É indubitável que um dos modos de levar a tão sonhada “civilização” aos indígenas era por meio da catequese e do incentivo ao trabalho. Há diversas descrições pormenorizadas da situação de confronto entre diversas nações indígenas como os Xavante, Caiapó, Xerente, Canoeiro, descrevendo ataques que resultaram na morte de inúmeros brancos. Fala, ainda, do destino dos índios órfãos que, na maioria das vezes, eram entregues às famílias para servirem de escravos (*A Matutina Meiapontense*, nº 121, 1831). As notícias refletem bem a mentalidade da época, como mostram os decretos ordenando o envio de índios civilizados para receberem treinamento e munição para a captura de índios que fugiram de aldeias e o exemplo de um requerimento pedindo um casal de índios pequenos para prestarem alguns serviços (*A Matutina Meiapontense*, nº 351, 1832).

Os assuntos dedicados à religião/igreja aparecem com frequência, pois a vida política e o cotidiano eram permeados por esta. Era comum que toda comemoração política começasse ou terminasse na igreja. Os valores cobrados pelos atos religiosos, como as desobrigas, confissões e missas, eram discutidos tanto na Assembléia como na Câmara. As festividades, em sua maioria, possuíam caráter cívico e religioso. As celebrações públicas (datas nacionais) eram feitas em todos os Arraiais, e a igreja tinha sempre lugar de destaque. Não obstante, havia diversas datas comemorativas como, por



exemplo, o dia 7 de setembro, data da independência do Brasil, e 12 de outubro (aniversário de Pedro I), que eram comemorados com grande entusiasmo pela população. As descrições das festas religiosas são muito ricas em detalhes, mostrando as pompas que a cada uma eram dedicadas.

O tema comércio/valores permite uma visão dos gastos do governo, os valores dos impostos, das heranças, dos produtos de primeira necessidade, bem como compreender as carências e dificuldades enfrentadas pela população na Província no período. Nessa categoria, um aspecto sempre polêmico foi o da cobrança dos dízimos. O historiador Luis Palacín (1994) afirmava que o imposto do dízimo era um dos fatores primordiais que contribuíram para o pouco desenvolvimento das atividades agrícolas na província de Goiás durante os oitocentos. A tese de Palacín parece ser confirmada pela análise d'A *Matutina Meiapontense*, pois aparecem várias reclamações no periódico, aparentemente feitas por fazendeiros, sobre o modo de avaliar as mercadorias, a forma de pagamento e a quantidade de produtos que o imposto cobria.

Acerca da temática do meio ambiente, percebemos ao longo dos anúncios, que na época já era perceptível alguma preocupação com a questão, como mostra a seguinte citação: “[...] Marques leu, como Conselheiro, uma Proposta contra o abuso de se matar peixe com timbó, e outros vegetais venenosos” (*A Matutina Meiapontense*, nº 10, 1830). São encontradas também críticas referentes às queimadas e derrubadas de matas, em forma de denúncia contra o empobrecimento do solo. Inclusive, em algumas edições, é significativo o espaço ocupado com o “Catecismo da Agricultura”, no qual procurava ensinar os métodos mais adequados para o bom uso do solo.

As comunicações em Goiás no século XIX foram bastante problemáticas, fato justificado por vários fatores tais como: isolamento geográfico, carência de capital para ser investido nas vias de transportes, tanto terrestre como na navegação dos rios. A carência de estradas transitáveis durante todo o ano dificultava também o transporte dos correios, que, além de demorado, não era confiável. Não raro ocorria a invasão da privacidade de correspondência, ou por questões políticas ou por simples curiosidade.



São constantes os ofícios dirigidos ao administrador dos correios com o intuito de melhor organizar a entrega das correspondências oficiais e particulares, que, segundo reclamações dos usuários, demoravam demasiadamente para ser entregues aos interessados (*Matutina Meiapontense*, nº 36, 1830). Pedidos de concessões de verbas dirigidas ao Imperador também eram freqüentes, principalmente para a melhoria das estradas e para construção de pontes. Na edição de nº 172, de 1831, é relatado que se formará uma comissão para escrever ao Imperador pedindo autorização do imposto da carne verde (carne fresca) para o conserto de três pontes da cidade de Goiás.

As notícias sobre os rios em geral e a navegação em particular, na Província de Goiás, mostram bem a realidade vivenciada na época: o enorme potencial oferecido pelos “caminhos que andam”, mas com condições mínimas de utilização. Apesar das inúmeras dificuldades, a navegação foi de suma importância, principalmente para o norte da Província, devido à precariedade das vias terrestres de transportes. Constou-se também a constante preocupação por parte do governo com o povoamento das margens desses rios com o intuito de melhorar as condições da navegação e defesa contra os povos indígenas. Significativa é a fala do Presidente da Província, Miguel Lino de Moraes, ao Conselho Geral sobre a navegação dos rios Araguaia e Tocantins. O Presidente afirma que a navegação via Rio Tocantins era a mola para o desenvolvimento de Goiás, principalmente porque algumas localidades do norte de Goiás já mantinham comércio com o Pará (*A Matutina Meiapontense*, nº 34, 1830).

As diferenças históricas entre o norte e o sul da Província também podem ser observadas em diversas edições do periódico, como mostra novamente a citação de Miguel Lino de Moraes, quando afirma que: “[...] é notório quanto são pobres todas as Freguesias da Comarca de São João das Duas Barras, e algumas há pobríssimas” (*A Matutina Meiapontense*, nº 118, 1830). O norte da Província era citado com mais freqüência como lugar de instabilidades sociais e também como sendo mais suscetível aos ataques indígenas, em contraposição ao Sul. Evidenciou-se também grande diferença com relação à divisão das verbas a serem empregadas nas duas Comarcas, a



discrepância se apresentava sempre com vantagens significativamente maior para o sul em detrimento do norte.

As outras notícias catalogadas e relacionadas nos quadros tiveram um espaço bem diminuto em relação às acima comentadas (como por exemplo, temas voltados para as mulheres, que raríssimas vezes apareciam notícias escritas por elas ou abordagens sobre elas). Sua omissão também pode evidenciar traços da mentalidade patriarcal da época, bem como dos responsáveis pela publicação do periódico.

Finalmente, por meio da análise dos conteúdos d'A *Matutina Meiapontense*, é possível ter uma ideia, mesmo que fragmentada, dos principais problemas enfrentados pelos moradores da Província, principalmente pelos de Meia Ponte, e o descaso do poder central no esforço para a solução desses problemas. Nesse contexto, a fundação do periódico aparece como uma ação capaz de concorrer para se divulgar as potencialidades da Província, clamar por medidas concretas para a região e, ainda, funcionar como um meio de contribuir para a instrução da população.

Sobre o final da circulação do periódico, embora não se possa afirmar com total segurança, a justificativa encontrada nas últimas edições do próprio periódico foi a simples falta de papel:

Anúncio

Com este n. suspende-se a publicação desta Folha por falta de papel, porém continuar-se-á a publicá-la como até agora, duas vezes por semana logo que ele chegue do Rio de Janeiro donde se mandou vir. Rogamos por tanto aos Senhores Subscritores que ainda não satisfizeram o importe das suas assinaturas, tenham a bondade de o fazer dirigindo-se para isso às casas assinaladas. (*A Matutina Meiapontense*, nº 523, 1834).

Considerações Finais

A *Matutina Meiapontense*, principal fonte documental utilizada nesta pesquisa, possui grande potencial a ser explorado por diversas abordagens e metodologias. Seu



conteúdo é de suma importância para o conhecimento de aspectos da História de Goiás no século XIX, pois foi o primeiro periódico fundado na Província de Goiás e no Brasil central. Acreditamos que os resultados que ora apresentamos são relevantes e abrem caminhos para novas possibilidades de pesquisas.

Diversos foram os obstáculos encontrados ao longo do trabalho, principalmente no que se refere à difícil leitura que o documento oferece para iniciantes¹⁰⁷ na pesquisa com esse tipo de fonte. Embora o documento se encontre também na forma digitalizada, em algumas edições, a notícia não se apresenta totalmente legível, e o vocabulário, muitas vezes, também não faz parte do cotidiano do iniciante, exigindo mais atenção e tempo para a compreensão de um mesmo trecho. Foram necessárias, portanto, releituras em diversas notícias para esclarecimento de dúvidas. Mas, como um dos objetivos do projeto foi justamente o de favorecer um primeiro contato e aprendizado para estudantes de História em projetos de iniciação científica, podemos dizer que esse objetivo foi plenamente atingido.

Acreditamos que os resultados dessa pesquisa possam oferecer contribuições para uma melhor compreensão das condições de Goiás (Província com suas peculiaridades, numa região periférica, mas que fazia parte da História do Brasil), para enriquecer o estudo da História Regional e para incentivar novas pesquisas sobre essa fonte e período da História. A catalogação, mesmo incompleta, pelas justificativas já mencionadas acima, auxiliará de modo eficaz o pesquisador interessado em explorar essa fonte documental para novas abordagens. Não foi nossa pretensão também a de ter esgotado todos os assuntos abordados e os usos que o periódico pode oferecer para diversos enfoques e utilidades em novas pesquisas. O que pretendemos foi, além de evidenciar aspectos da Província de Goiás no século XIX, contribuir para tornar o periódico mais conhecido e mostrar as múltiplas opções que o pesquisador encontrará ao utilizá-lo.

¹⁰⁷ Como dito inicialmente, o projeto de pesquisa sobre o periódico contou com a colaboração de dois bolsistas de Iniciação Científica, os quais não possuíam experiência anterior com a leitura de documentos do século XIX, e o montante de notícias que abrange todo o período é considerável.



Referências

- A Matutina Meiapontense*. Meia Ponte (atual cidade de Pirenópolis), Província de Goiás (atual estado de Goiás), 1830-1834; nº 1-523 (impresso e digitalizado).
- ASSIS, Wilson Rocha. *Os moderados e as representações de Goiás n'A Matutina Meiapontense*. Dissertação (Mestrado). Goiânia: UFG, 2007.
- BERTRAN, Paulo. *Formação econômica de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.
- CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. *Arraial e coronel: dois estudos de história social*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- DIEHL, Astor Antônio. *Do método histórico*. Passo Fundo, RS: EDUPF, 1997.
- DOLES, Dalísia E. Martins. *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX*. Goiânia: Oriente, 1973.
- GARCIA, Ledonias Franco. *Goyaz: uma Província do Sertão*. (Tese Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1999.
- LUCA, Tania Regina de. "Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MATOS, Raymundo José da Cunha. *Chorographia Histórica da Província de Goyaz*. Goiânia: SUDECO/Governo de Goiás, 1979.
- MEMÓRIAS GOIANAS (Revista), nº 1-15. Goiânia: Centauro/U. C. G., 1982/2003.
- PALACIN, Luis. *O século do ouro em Goiás. 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*. 4ª ed. – Goiânia: UCG, 1994.
- _____. *Quatro tempos de ideologia em Goiás*. Goiânia: Cerne, 1986.
- POHL, J. E. *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- SILVA, Marcos A. da. *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- TELES, José Mendonça. *Vida e obra de Silva e Souza*. Goiânia: Oriente, 1978.